

A ESPIRITUALIDADE NÃO RELIGIOSA COM A SOCIALIZAÇÃO DOS/AS ROQUEIROS/AS SEM RELIGIÃO NOS CÍRCULOS URBANOS *HEADBANGERS* EM BELO HORIZONTE

Flávio Lages Rodrigues*

Resumo

Nesta comunicação apresentaremos através da nossa pesquisa de doutorado como o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros foram capazes de gerar um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos jovens e adolescentes roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Nossa hipótese procurou identificar se havia algum tipo de espiritualidade não religiosa na sociabilidade e solidariedade desses/as roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers*. A metodologia em torno da pesquisa ocorreu de forma mista, primeiro com a pesquisa de campo, neste caso, para conhecer e entender como se dão as experiências desses/as roqueiros/as sem religião, fundamentada também pela pesquisa bibliográfica, tendo como principal teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli. Embora, para a maioria desses participantes da pesquisa ocorra essa espiritualidade não religiosa com a socialização e solidariedade, que é gerada nesse grupo através do *rock*, *heavy metal* e de seus subgêneros. Percebemos que esta espiritualidade não religiosa não ocorre de forma unânime para os entrevistados, devido à rejeição que eles demonstram em relação aos círculos e instituições religiosas, bem como a qualquer manifestação religiosa ou espiritual, e também pela possibilidade de diversidade de cosmovisões que podem ocorrer dentro desse grupo.

Palavras-chave: Socialização. Roqueiros/as sem religião. *Rock*, *heavy metal* e seus subgêneros. Espiritualidade não religiosa. Círculos urbanos *headbangers*.

Introdução

Notamos que o intenso processo de urbanização ocorrido no Brasil e no caso da nossa pesquisa com os roqueiros/as sem religião na cidade de Belo Horizonte, a partir da década de 1980, acabaram fomentando novos modos de ser e viver no contexto citadino para jovens e adolescentes, e também para pessoas de todas as idades que se aderem aos círculos urbanos *headbangers*. Verificamos que o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, se tornaram o elemento socializador principal com a geração de um tipo de espiritualidade não religiosa na solidariedade que é gerada em torno da construção e consumo desse estilo musical.

Nesta direção, percebemos que Michel Maffesoli (2010a) pavimentou o caminho com o que ele chamou de forma metafórica de *tribalizações*, para mostrar essas socializações que são expostas de forma crescente no espaço geográfico e no tempo, respectivamente com as cidades e a pós-modernidade. Assim, percebemos em nossa pesquisa de campo que o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros foram capazes de gerar um tipo de espiritualidade não religiosa,

* Doutor (2023) e Mestre (2018) em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela CAPES. E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br

entre outros fatores, com a socialização e solidariedade que é fomentada entre esses roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte.

Dessa forma, nossa pesquisa com esses roqueiros/as sem religião com a espiritualidade não religiosa, coaduna com teoria de Maffesoli no que diz respeito a essa sociabilidade, que aponta para o sentimento de pertencimento e estar juntos, para a partilha dos mesmos gostos, sensações, emoções, sonhos e visões, que em última análise fomenta a busca por algo que faça sentido na vida juvenil desse grupo, bem como de outros grupos que estão espalhados pela cidade de Belo Horizonte, do Brasil e do mundo.

1.1 *Rock, heavy metal* e seus subgêneros como elementos de socialização

Percebemos que o inchaço das grandes cidades com o advento da urbanização trouxe entre outros fatores, a possibilidade de novas formas de socialização como observamos em nossa pesquisa com a música *rock*. Ainda em torno da música *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros, que pode aglutinar inúmeras formas de socialização em torno desse estilo musical, podemos observar em nossa pesquisa a possibilidade de socialização como roqueiro/a e sem religião dentro dos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte.

Acompanhando a perspectiva de Maffesoli, essas socializações pós-modernas, tal como as observadas na cena *heavy metal* em suas propagações na capital mineira, são projetadas pela visão, olhar ou poderíamos dizer pela linguagem do outro, numa total dependência pelo outro, que na sua visão remete ao retorno à pré-modernidade. “O fato de existir apenas pelo e sob o olhar do outro, que foi a marca da pré-modernidade, é certamente o aspecto essencial da pós-modernidade.” (MAFFESOLI, 2007b, p. 88).

Inúmeras formas de sociabilidades foram geradas em torno da música *rock* em Belo Horizonte, a partir da década de 1980, nas construções sociais e culturais com sentimento de pertencimento, estar juntos, partilha dos mesmos gostos e emoções. Nessa época foram criadas várias redes ou teias de socialização, em relação à produção e consumo dessa música, que envolveu os/as jovens e adolescentes roqueiros/as que estavam nos círculos urbanos *headbangers*, bandas, lojas de discos e fitas, estúdios de ensaio e gravação, lojas de instrumentos musicais, bares e vários locais para *shows*, entre outros. Por fim, até mesmo uma gravadora foi criada para captar a produção dessas bandas, à princípio para as bandas que eram de Belo Horizonte e depois para as bandas que vieram de outros estados do Brasil.

Observamos que a produção dessas bandas, quanto à questão musical com o *rock* e mais especificamente com o *heavy metal*, e seus subgêneros, mostrou que a música criada pelos

adeptos dos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte, não procurava nenhuma semelhança ou apreço pela cultura vigente, antes buscava construções culturais próprias, que não tivesse nenhuma harmonia musical ou cultural, e que ainda sinalizasse e denunciasses primariamente para o caos e a desordem da sociedade.

Dessa forma, o *heavy metal* possibilitou a construção de rituais sociológicos e cosmovisões que giravam em torno do *rock* secular em algumas partes do mundo ocidental. Na visão de Idelber Avelar, o *heavy metal* no contexto brasileiro teve contornos diferentes do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, principalmente, devido ao seu nascimento pós-ditatorial e entre a juventude das classes trabalhadoras.

No Brasil, o heavy metal é um gênero pós-ditatorial por excelência, que adquire uma série de significados para a juventude urbana do período de Abertura, na primeira metade da década de 1980. Como em outros países, o speed, o thrash e o death metal se desenvolveram no Brasil como gêneros musicais da juventude das classes trabalhadoras. Ao contrário dos seus equivalentes estadunidenses e europeus, no entanto, aqui as bandas de metal pioneiras surgiram num contexto de censura e repressão política, cortesia da ditadura militar que se encerrava. O metal no Brasil precisou enfrentar não apenas as costumeiras reprimendas estéticas e morais que sofreu naqueles países, mas também a acusação de não ser uma forma de protesto dotada de suficiente consciência política. Claro, raramente as bandas e os fãs se definiram em termos tão crus como “protesto” ou “resistência”. (AVELAR, 2011, p. 106).

Além dos desafios supracitados com a repressão política e a Ditadura Militar, para Avelar o *heavy metal* teve que lutar contra a imposição da elite brasileira, que ditava o que era aceito ou não, como produção cultural com os limites estéticos e ideológicos. No qual a banda belo-horizontina Sepultura se levantou,

como a grande responsável pela vitória do gênero nesse debate nacional, que eles somente puderem vencer, por certo, ao reposicioná-lo num terreno *internacional*. No Brasil, os *headbangers* não apenas tiveram que provar aos guardiões do bom gosto musical que sua música era genuína, não um mero barulho; não só precisaram provar aos guardiões dos bons costumes que sua mensagem não era imoral nem incitava a violência. Eles também tiveram que provar aos influentes guardiões da música engajada que seu som não era uma forma de protesto fútil e alienada. (AVELAR, 2011, p. 107).

A *progressão ou evolução* do *heavy metal*, mostra que esse estilo musical já se apresentava como uma construção genuína na década de 1980 no Brasil e em especial na capital mineira. Mesmo com as posteriores evoluções da intensidade do *heavy metal* com o *speed metal*, *thrash metal*, *death metal*, *black metal*, entre outros. Quanto mais extremo é o som e o seu distanciamento da sua última derivação musical, mais genuína é a sua representação e

aproximação com o ideal do *rock*. Isso ocorre pela sua ruptura e negação, a tudo que possa aproxima-lo como música *pop* (música popular) ou comercial.

O heavy metal é um gênero que leva às últimas consequências a vontade de romper, quebrar e negar que está na base de todo *rock*. No metal, mais que na maioria dos gêneros roqueiros, a autodefinição toma a forma de uma rejeição de um gênero vizinho, acompanhada da afirmação de que uma variação com mais volume e velocidade é a herdeira do verdadeiro espírito do *rock*. Está implícita aí a ideia de que os elementos da tradição percebidos como pop ou comerciais seriam uma traição do espírito radical, originário do gênero. (AVELAR, 2011, p. 110).

Nesta direção, observamos uma constante ruptura, negação ou mesmo uma radicalização, não apenas com as instituições sociais, mas também com outros estilos musicais, dentro da própria música *rock*. Quanto mais suja, ruidosa, barulhenta, desarmoniosa, intensa em seu volume e velocidade, melhor será a sua *evolução ou progresso*, que representa a essência e assim, o espírito de ruptura e contestação do *rock* e de seus subgêneros.

Esse aspecto, sinaliza para a energia do *rock* e para o seu retorno ao arcaísmo, às fontes, às bases e ao primitivo. Destacamos a denúncia dos problemas e diferenças sociais, que por mais que pareçam nivelados e resolvidos, são expostos no ritmo, nas letras e nas suas ideologias, bem como na estética dos participantes dessa tribo. Para Avelar, a construção e organização dos relatos dos adeptos dos círculos urbanos *headbangers* sempre giram em torno dessa negação e radicalização.

Esses conceitos vêm acompanhados de um trabalho sombrio com a iconografia, operações radicais com o volume e o tempo, performances despojadas e letras angustiadas, agressivas ou apocalípticas. Os *headbangers* expressam seus julgamentos de valor, então, com um vocabulário que enfatiza a negatividade e os superlativos: o mais rápido, o mais barulhento, o mais sujo. (AVELAR, 2011, p. 111).

Após retomarmos essa perspectiva mais geral, observamos que toda a atmosfera sombria, mórbida, angustiante, agressiva e apocalíptica que perpassava a produção dos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte, já em meados da década de 1980, apontava também para uma ruptura religiosa, no qual os/as roqueiros/as sem religião, possivelmente já davam indícios de uma espiritualidade não religiosa através do *rock* com estilos *heavy metal*, *speed metal*, *thrash metal*, *death metal*, e de forma mais intensa e incisiva com o *black metal*.

O que notamos é que essa ruptura que ocorreu com os adeptos dos círculos urbanos *headbangers* naquela época, também teve outros desdobramentos, que não se resumia apenas à contestação religiosa. Mesmo dentro da música que era produzida em Belo Horizonte com o Clube da Esquina, havia um descontentamento, pois, esse grupo já não representava mais uma

ruptura, contestação ou ofereciam qualquer forma de oposição à sociedade e às suas instituições, tão pouco, conseguiam sustentar qualquer traço que tinham, com os ideais de liberdade que eram próprios do início desse movimento. Essa ruptura também já sinaliza para forças antagônicas que nasciam não só dentro da música, com a MPB (Música Popular Brasileira) e o *heavy metal*, como também mostrava grupos distintos que germinavam e ocupavam o mesmo espaço geográfico, neste caso, o bairro Santa Tereza.

Na década de 1970, nascia o Clube da Esquina no bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, com Milton Nascimento, Toninho Horta, Wagner Tiso, Lô Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Beto Guedes e Márcio Borges, entre outros. As músicas e toda a arte produzida pela MPB do Clube da Esquina, naquela época era de oposição à Ditadura Militar que teve seu início em 1964 e durou até 1985. O que mostra que no Brasil a guerra dos jovens era outra, o Golpe Militar. Outro fato importante é que essas músicas também refletiam em suas letras sobre o imaginário e a religiosidade católica de Minas Gerais.

Tanto essa oposição à Ditadura Militar, quanto esse cunho carregado da religiosidade mineira na MPB, são diluídos pela corrosividade do *heavy metal* e de suas mutações, que começavam a acontecer também no bairro Santa Tereza em Belo Horizonte, assim como foi inicialmente com a MPB.

O maior emblema dessa ruptura me parece ser a rapidez com que a arte de Milton Nascimento perde vigência entre a juventude de Minas Gerais em meados da década, agora substituída na preferência jovem por várias tribos urbanas roqueiras. Em Belo Horizonte, sem dúvida, o *heavy metal* foi a mais poderosa dessas tribos. (AVELAR, 2011, p. 116).

A representação e alinhamento da MPB com os desejos e anseios da elite passaram a ser canalizados por esses jovens, que utilizaram o *heavy metal* para mostrar suas frustrações e insatisfações. O que aconteceu com a MPB, foi que ela deixou de ter seu caráter crítico, contestador e vital como expressão artística, como ocorreu com o Clube da Esquina a partir de 1985.

Portanto, percebemos que a construção dessa espiritualidade não religiosa dos/as roqueiros/as sem religião com jovens, adolescentes e pessoas de várias idades, ocorre através do *rock*, *heavy metal* e de seus subgêneros na adesão aos círculos urbanos *headbangers* e à cena *underground* em Belo Horizonte, onde esse grupo se socializava com a solidariedade, sentimento de pertencimento, de estar juntos, na partilha dos mesmos sentimentos, gostos e sensações. O que mostra uma construção de sentido para a vida desses jovens, que ocorre longe

dos seus direitos básicos que deveriam ser assegurados pelo Estado e pela tutela das instituições sociais, entre as quais, a religiosa.

1.2 Espiritualidade não religiosa como traços da comunhão coletiva dos/as roqueiros/as sem religião

Percebemos no percurso da nossa pesquisa que a comunhão e solidariedade criadas em torno da música *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros, geraram uma espiritualidade não religiosa na visão da maioria dos entrevistados na pesquisa de campo. Entre outros fatores apresentados por esses participantes que apontam para construção dessa espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião, também foram relatos a cidade, a pós-modernidade, as tribalizações e a socialização. O que mostra uma amplitude dessa espiritualidade não religiosa que não se limita apenas à música *rock*, ao *heavy metal* e seus subgêneros, como objeto socializador juvenil e também de pessoas de todas as idades.

Nesse percurso socializador e de um modo mais amplo, observamos que a cidade e especialmente Belo Horizonte se apresenta como espaço fomentador para essas inúmeras memórias que são construídas e partilhadas pelo grupo como maneiras *diferentes* de manifestação cultural e também religiosa na atualidade. Verificamos também essas possibilidades com as experiências dos/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas¹ *headbangers*, que em nossas pesquisas passamos a categorizar como círculos urbanos *headbangers* no desenvolvimento de uma espiritualidade não religiosa através da música *rock*.

Maffesoli mostra essa força da diversidade das socializações que são propostas pela juventude e pela vida nas cidades. “Com efeito, o que tende a predominar nos momentos de fundação é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores, tudo aquilo que caracteriza a juventude de homens e das sociedades.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 117-118).

¹ Utilizamos na pesquisa o conceito de *tribo* que foi teorizado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli de forma pioneira na metade da década de 1980. Maffesoli propõe a metáfora para *tribo*, justamente para observar a metamorfose do vínculo social. (MAFFESOLI, 2010a, p. 4). Outro fato para a utilização do termo *tribo*, se dá pelo próprio grupo pesquisado se autodeclarar como uma tribo, ou mais especificamente, como tribo urbana *headbanger*. No entanto, devido aos problemas que o conceito *tribo* pode trazer para os integrantes desses grupos juvenis e de várias idades que se aglutinam em torno de variados objetos e ideologias, como é o caso do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros. Em nossas pesquisas futuras não adotaremos mais o conceito *tribo*, em seu lugar utilizaremos o conceito *circulo* derivado da preposição latina *circum*, que como prefixo refere-se a cultos ou à preposição em torno, perto ou em volta de algo, sinalizando para a ideia de localização em forma de circunferência. Desta forma, utilizaremos o conceito *circulo* ou *círculo* urbano *headbanger*, o que nos ajudará a demarcar sociologicamente os indivíduos que pertencem a esses *círculos* urbanos *headbangers* e os que estão fora desses *círculos*.

Na visão de Maffesoli esse latente pluralismo de possibilidades e diversidade de experiências, caracterizado pela juventude e pelas sociedades atuais, mostram que a construção social é estabelecida ou cimentada pela comunhão com a multiplicidade de círculos culturais, que o contexto citadino pode em muito, oferecer aos seus habitantes.

O espetáculo, nessas diversas modulações, assegura uma função de comunhão. Circo e círculo têm a mesma origem etimológica. E, de maneira metafórica, podemos dizer que se reforçam reciprocamente. Ora, o que caracteriza nossa época é o entrecruzamento flexível de uma multiplicidade de círculos cuja articulação forma as figuras da socialidade. (MAFFESOLI, 2010a, p. 135).

Nesta mesma direção, observamos que o que vale para esses/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* é o *espetáculo*, que não tem outro fim, senão o de assegurar a *comunhão* em uma *estética* partilhada, no viver juntos em uma sensação coletiva. “É a forma estética pura que nos interessa: como se vive e como se exprime a sensação coletiva.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 147). O contexto citadino pode assegurar as mais variadas formas de socialização através dos encontros, reencontros, situações diversas, que ocorrem nos limites geográficos e com as mais variadas experiências pessoais e interpessoais.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências nos seios dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. (MAFFESOLI, 2010a, p. 151).

Podemos ver essa diversidade dos grupos sociais com as tribalizações nos centros urbanos em nossos dias, que mostram não apenas essa diversidade nas socializações, mas principalmente outros modos de vida, de ser e existir nas cidades, metrópoles e megalópoles. Um grupo social ou mesmo a sociedade, só existirá, quando seus relacionamentos pessoais e interpessoais cotidianos nos mais diversos grupos forem variados entre si. Os encontros, os laços sociais e as experiências individuais dos/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* consolidam-se, com o sentimento de pertencimento e de estar-juntos na construção da coletividade na sociedade. Assim, Maffesoli mostra que a força do “vivido e a experiência partilhados podem ser o fogo depurador do processo alquímico que permite a transmutação.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 52-53).

Podemos ver que essa *experiência partilhada* se deu de forma violenta com a possibilidade da *negatividade do desejo* que pode ser manifestada e exposta entre os/as

roqueiros/as sem religião. Nessa criação de uma linguagem que brota a partir da opressão e da violência que perpassa as áreas social, política, econômica, cultural, também tomaram contornos religiosos, com a contestação, rebeldia e não aceitação da religião e de suas respectivas instituições por parte desses/as roqueiros/as sem religião, que estavam nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, desde a criação da cena *underground* na metade da década de 1980.

Nesse aspecto, percebemos que algumas formas de socialização começam quase informe e depois tomam corpo, como foi com os/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas *headbangers* na capital mineira. Maffesoli mostra a grandeza desses *valores tribais* que tomam forma em determinados momentos e posteriormente, com o passar dos anos se solidificam.

É possível dizer que, paradoxalmente, são os valores tribais que, em certos momentos, caracterizam uma época. Com efeito, esses valores podem cristalizar por atacado o que em seguida vai difratar-se no conjunto do corpo social. O momento tribal pode ser comparado ao período de gestação: alguma coisa é aperfeiçoada, provada, experimentada, antes de decolar para uma expansão maior. (MAFFESOLI, 2010a, p. 52).

Como mostrado por Maffesoli, somente através da intensa interação na tribo, que as socializações podem tomar forma e corpo. O que podemos perceber é que esses *valores tribais* se tornam uma linguagem do grupo em uma fase bem posterior, com o processo de depuração e com camadas de sedimentações de experiências que se acumulam. Esse ajuntamento tribal, como proposto Maffesoli, também foi observado em nossa pesquisa com os/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, com a ocorrência do sentimento compartilhado na comunhão, no sentimento de pertencimento, de estar juntos e na partilha das mesmas emoções. “O nada ou o quase nada se torna uma totalidade. Os rituais minúsculos se invertem até se tornarem base da sociabilidade.” (MAFFESOLI, 2010a, p. 53).

Esse *nada ou o quase nada*, bem como os *rituais minúsculos* que se tornam a estrutura da sociabilidade como descritos por Maffesoli, também são demonstrados por Janotti Junior com um *mundo imperfeito*, que está em construção no *heavy metal* com o sentimento de pertencimento e partilha nas tribos urbanas *headbangers*. “O *Heavy* lembra a todo momento que a vida é parte de um mundo imperfeito, mas é bem melhor que nada. A falta de humanidade no cotidiano urbano produz agrupamentos com o intuito de compartilhar o sentimento.” (JANOTTI JUNIOR, 1994, p. 92-93).

Segundo Janotti Junior, o *heavy metal* e seus subgêneros a todo instante mostram que a vida acontece em um mundo imperfeito, rodeado de caos e antagonismos. No entanto, mesmo

com esse caos e os problemas mais variados na vida urbana, os grupos, agrupamentos e as diversas tribos urbanas proporcionam um modo de linguagem no compartilhamento dos mesmos sentimentos e emoções. No caso das tribos urbanas *headbangers*, Janotti Junior mostra essa ebulição ou efervescência na socialização dessa tribo, com o que ele chamou de relação fática, ou seja, o *rock* se torna um canal de comunicação coletiva, sendo capaz de garantir o contato entre o falante (ídolos, integrantes de bandas de *rock* pesado) e aquele com quem se fala ou a quem é destinado à fala ou discurso (fiéis, adeptos das tribos e fãs do estilo musical).

As concentrações de *Headhangers* criam uma união em pontilhado que não significa uma comunhão individual, mas uma relação fática. Nos shows os *heavies* se cruzam, se tocam, se roçam: o corpo assume uma postura agressiva, as cabeças rodopiando com os olhos abaixados, perdidos nas cabeleiras; nesses momentos o *headbanger* parece entrar em transe, vivendo um êxtase só seu, mas compartilhado com o grupo. Intercâmbios se estabelecem na comunhão de um sentimento dionisíaco como forma de significar o mundo. Através de universos fantásticos e da utilização simbólica de imagens ligadas ao satanismo, à destruição e à morte, a tribo mantém a coesão interna, pois o som, o vestuário e o estoque imagético, proliferam em um universo semiótico vedado aos não-iniciados. (JANOTTI JUNIOR, 1994, p. 93).

Se no contexto religioso com o cristianismo que é tão atacado pelas tribos urbanas *headbangers*, a esperança se dá na comunidade e no olhar para cima e para Deus. No contexto das tribos urbanas *headbangers*, isso se dá na coletividade dos *shows* e de forma literal no *underground* no olhar para o chão, como local onde a vida acontece, como mostrou Janotti Junior. A seu ver é nos *shows* que acontecem as trocas e os relacionamentos. Corpos que se tocam, se roçam com posturas agressivas, cabeças que rodopiam, olhos abaixados e perdidos nas cabeleiras. Tudo isso remete para relacionamentos que acontecem aqui e agora.

Nesse aspecto, Janotti Junior mostra que essa comunhão dos *shows* leva os adeptos da tribo a um transe e êxtase coletivo como forma de significar o mundo. No imaginário produzido pelo grupo também entram aspectos de significação do mal pelo viés teológico, com o *satanismo*, *destruição* e a *morte*, em um verdadeiro apocalipse, que se propaga pelas músicas e letras que são produzidas pelas bandas nas tribos urbanas *headbangers*, e perpassam pelo vestuário, marcas corporais e outras formas de expressão que são produzidas por essa tribo.

A nosso ver, essa produção de símbolos e sentidos apresentados nos *shows* de *rock*, com a estética em uma expressão corporal agressiva, bem como o som, o vestuário e as diversas imagens e ícones que são construídos. Acabam criando uma linguagem com o ritual com a sua repetição, o que ajuda em uma espécie de *força religiosa* no grupo, ou seja, ajuda na ligação ou religião interna dos membros da tribo. Observamos acima, que algumas palavras foram utilizadas por Janotti Junior e podem ter conotação religiosa, entre elas, destacamos *comunhão*,

transe, êxtase e satanismo. Mais enfaticamente, pontuamos as imagens e as linguagens ligadas ao satanismo com seus antagonismos e dualidades produzidas por essa tribo com a horda *black metal*, entre o bem e o mal, construção e destruição, vida e morte, e de modo mais radical, alguns integrantes das tribos urbanas *headbangers* se auto nomeiam como *verdadeiros bangers* e os adeptos das outras tribos são denominadas como *falsos, posers, embalistas e modinhas*, entre outras nomenclaturas pejorativas, que são utilizadas pela tribo para reforçar o *nós* e diferenciar quem não é da tribo que são *eles* ou os *outros*.

Os antagonismos e dualidades são observados em outras situações com esse *nós* e também com *eles* ou os *outros*, mostrando uma nítida separação, que se estende para outros segmentos da sociedade como a família, igreja, polícia, militarismo e o estado. Isso de alguma forma nos leva a pensar no contexto religioso da tribo, que poderia com essas construções de sentido, ter a possibilidades de aberturas, entre as tais, para linguagem que brota com uma espiritualidade não religiosa entre esses/as roqueiros/as sem religião. Isto com uma áurea quase religiosa e espiritual de um mistério vedado aos não participantes dessa tribo. Numa construção de significados que começa com a música *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, e se estende para outros objetos que são utilizados pelos adeptos dessa tribo.

Considerações finais

Percebemos no percurso feito com a pesquisa com os/as roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte, que a cidade e a pós-modernidade como marcadores no tempo e no espaço foram fundamentais para novos modos de ser e viver com a abertura para outros tipos de socialização, que potencializaram a união das pessoas internamente nos diversos grupos com o sentimento de pertencimento, na partilha dos mesmos gostos, sensações e emoções. Nesta abertura para inúmeras possibilidades de socialização proporcionadas pelo crescimento das cidades e também pela abertura para novas formas de pensamento com a pós-modernidade como proposto por Maffesoli, verificamos que o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, entre outros fatores relatados, acabaram gerando um tipo de espiritualidade não religiosa para esse grupo de roqueiros/as sem religião que estão nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte.

Embora, vejamos que na maioria dos relatos dos participantes da pesquisa ocorra essa espiritualidade não religiosa com a socialização e solidariedade, que é gerada com o sentimento de pertencimento, estar juntos, partilha das mesmas sensações, emoções e gostos, através do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros. Percebemos que esta espiritualidade não religiosa

não ocorre de forma unânime para os entrevistados, devido à rejeição que eles demonstram em relação aos círculos e instituições religiosas, bem como a qualquer manifestação religiosa ou espiritual, e também pela possibilidade de diversidade de cosmovisões que podem ocorrer dentro desse grupo. O que acaba sinalizando para outras práticas que nascem nas periferias das cidades com as juventudes, que neste caso, mostram realidades e perspectivas distanciadas da religião institucionalizada na atualidade.

Referências

AVELAR, Idelber. **Figuras da violência**: ensaios sobre narrativas, ética e música popular. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. **Heavy metal**: o universo tribal e o espaço dos sonhos. 1994. 105 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284153>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária**: ensaio de antropologia política. Porto Alegre: Sulina, 2001a.

MAFFESOLI, Michel. **Entre o bem e o mal**: compêndio de subversão pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus as comunhões emocionais**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. La potencia de los lugares emblemáticos. **Convergencia**, Toluca, v. 14, n. 44, 2007a. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105504403>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010b.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001c.

MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003b.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A liberdade do Espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. A utilização da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural. **Reflexus**, Vitória, v. 13, n. 22, p. 669-697, 2019a. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/914>. Acesso em: 16 dez. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. **Interações**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Comunidade Caverna de Adulão: *rock* como fator de socialização. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-251, 2020b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7498/4369>. Acesso em: 22 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). **Deus(es) na literatura**. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.

RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? **Plura**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221. Acesso em: 07 abr. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. No princípio era o rock, e o rock estava na Caverna de Adulão, e o rock era a Caverna de Adulão. **GIS- Gesto, Imagem e Som- Revista de Antropologia**, São Paulo, v.7, n. 1, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185630/182512>. Acesso em: 14 jun. 2022.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: MK, 2018b.

RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? **Expedições**, Morrinhos, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018c. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660. Acesso em: 22 jul. 2019.